FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 02/03/2022 - 05:59

Rússia ataca cidades-chave da Ucrânia

Prédio do governo regional de Kharkiv, segunda maior cidade da Ucrânia, parcialmente destruído após ataque de míssil russo Viacheslav Madievski/Reuters

Após erros iniciais, Putin prepara assalto mais destrutivo na Ucrânia

Ofensiva mais intensa nas duas maiores cidades e reforço militar sinalizam nova fase da campanha

Igor Gielow

SÃO PAULO Após enfrentar problemas logísticos e violar o manual das invasões militares, as forças de Vladimir Putin chegaram ao sexto dia da guerra na Ucrânia numa nova etapa, potencialmente mais destrutiva para Kiev.

O surgimento de um comboio de 64 km de comprimento rumo à capital ucraniana e a intensificação do bombardeio sobre Kharkiv são o símbolo dessa mudança.

A resistência terá problemas para segurar o assalto que se ensaia. Não que ela não tenha tido seus momentos de glória, apesar da romantização exacerbada na mídia ocidental, mas eles parecem ter derivado mais de erros de Moscou do que de sua qualidade.

Em novembro de 2020, após a derrota armênia na guerra contra o Azerbaijão, o analista militar russo Konstantin Makienko, do Centro de Análises de Estratégias e Tecnologias, de Moscou, escreveu um texto profético no jornal Vedomosti. "A principal lição que Moscou deve tirar da tragédia [Armênia e aliada russa] é nunca subestimar o inimigo", disse.

"Reina aqui uma atitude condescendente e irônica em relação ao Exército ucraniano", afirmou. "Os militares ucranianos já possuem sistemas de armas que os russos não possuem. Mísseis antitanque de terceira geração e drones kamikaze. E, em breve, os drones turcos Bayraktar-TB2", completou.

Kostia, como era chamado pelos amigos, não viveria para ver a profecia realizada: morreu há um ano. Mas seus alertas eram precisos acerca das dificuldades que os russos encontraram. Mas não só essas.

Dois princípios de invasões terrestres foram violados por Moscou. O primeiro, o da finalidade: a mais bem-sucedida operação do gênero da guerra moderna, a expulsão do Iraque do Kuwait na Guerra do Golfo (1991), era desenhada com um objetivo só. O conflito que tirou Saddam Hussein 12 anos depois, também.

Não foi o que se viu agora. Putin deixou claro desde o começo que seu objetivo era Kiev: decapitar o governo de Volodimir Zelenski com o mínimo de danos civis, para provavelmente instalar um aliado e manter apoio em casa.

Sexto dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

Fontes: Graphic News e The New York Times

Mas seu ataque foi extremamente complexo, envolvendo as forças irregulares do Donbass, a ação rumo a Kiev pela Belarus sem uma coordenação aparente com a força vinda mais do leste e uma ofensiva com rumos divergentes no sudeste do país: tropas que deveriam atacar Mariupol se dividiram no meio.

O segundo princípio é um corolário do primeiro: concentração de forças. Apesar de chegar às ruas centrais de Kiev no terceiro dia de ação, o fez apenas com infiltrações mínimas de militares aerotransportados. Isso sugere que Putin subestimou a capital, acreditando que apenas sua chegada ao país forçaria a rendição de Zelenski, pintado na Rússia como um fantoche americano, uma versão vida real do comediante que vivia na TV antes de se tornar presidente, em 2019.

Pedra angular da doutrina militar russa, o uso maciço de barragens de artilharia e mísseis não foi aplicado nas primeiras fases do conflito. Houve, claro, ataques mais fortes como os vistos em Kharkiv e Mariupol, mas ainda não configura o "choque e terror" dos EUA no Iraque de 2003.

A Força Aérea russa ainda não foi usada de forma decisiva, deixando o trabalho principal para mísseis de cruzeiro e balísticos. Apenas um punhado de aviões de ataque Su-25 e talvez algum modelo avançado Su-34 foram vistos em ação. Helicópteros só foram observados na tomada do aeroporto de Hostomel.

Continua na pág. A9

Rússia bombardeia centro de Kharkiv, e comboio ameaça Kiev

Patricia Pamplona e Mayara Paixão

SÃO PAULO E GUARULHOS O sexto dia da invasão russa da Ucrânia, que sucede o início de uma tentativa de diálogo, começou com a reorganização da estratégia de guerra adotada por Vladimir Putin e com bombardeios no centro de Kharkiv, segunda maior cidade do país do Leste Europeu, localizada a 450 km da capital Kiev, na manhã desta terça (1º).

Mísseis Grad e de cruzeiro, estes de alta precisão, atingiram áreas residenciais e o prédio oficial do governo. Ao menos dez pessoas morreram e outras 35 ficaram feridas, segundo o Ministério do Interior ucraniano, e as cifras podem aumentar à medida que os escombros forem retirados. Uma das vítimas era um estudante indiano, segundo informou a chancelaria de Déli.

Governante da região, Oleg Sinegubov descreveu os ataques como um genocídio do povo ucraniano e um crime de guerra contra a população civil. Denúncia semelhante fez o presidente Volodimir Zelenski, que classificou os ataques de "terrorismo de Estado" cometido pela Rússia.

Sobre Kiev pesa a ameaça de um comboio militar russo de 64 km que já está aproximadamente 25 km a noroeste da capital, mostram imagens de satélite. A coluna não teria feito avanços significativos ao longo do dia devido a problemas de logística, como falta de combustível, segundo uma autoridade americana informou à agência de notícias Reuters —os EUA monitoram a ameaça.

O Ministério da Defesa russo havia dito que planeja atacar pontos usados como base para serviços de segurança ucranianos. A pasta, como era de se esperar, não forneceu detalhes sobre a localização dos alvos, mas instou moradores próximos a esses locais a deixarem suas casas.

Na capital ucraniana, uma torre de televisão foi atingida, num ataque que deixou pelo menos cinco mortos e interrompeu a transmissão de canais de TV. A estrutura fica perto de um monumento a Babi Yar, local que marca um dos episódios mais sombrios da história do país, quando os nazistas mataram mais de 30 mil judeus em dois dias, em 1941.

Zelenski foi a uma rede social falar sobre o significado do episódio: "Qual o sentido de dizer '[nazismo] nunca mais' se o mundo fica em silêncio quando uma bomba cai no mesmo local de Babi Yar? É a história se repetindo".

O ataque rendeu críticas do governo de Israel, que, moderado, limitou-se a pedir que a santidade do local fosse preservada e honrada, sem mencionar nominalmente a Rússia. Mais crítico foi o Yad Vashem, o Museu do Holocausto em Jerusalém, que, em nota, descreveu o ato como um "ataque mortal da Rússia".

Na mídia local, há também relatos de explosões nos arredores da capital. O diretor da maternidade Adonis, em Buzova, a leste de Kiev, informou no Facebook que uma granada atingiu o local, que foi esvaziado. Apesar do estrago, Vitalii Girin, chefe do hospital, diz não ter havido vítimas e que o edifício segue em pé.

Mariupol, perto das regiões rebeldes separatistas de Lugansk e Donetsk, está sob constante bombardeio. Cercada desde cedo por tropas da Rússia, a cidade portuária de Kherson, próxima à península da Crimeia, anexada pela Rússia em 2014, foi invadida durante a noite (tarde em Brasília). O governo local, porém, mantinha o controle dos prédios de administração.

Ainda nesta terça-feira, quatro pessoas morreram em um bombardeio russo na cidade de Jitomir, 120 km a oeste de Kiev, segundo Anton Gerashchenko, conselheiro do Ministério do Interior da Ucrânia. Ele disse que um míssil russo ateou fogo a casas de civis.

Explosão é vista em antena de TV em Kiev Carlos Barria/Reuters

Continuação da pág. A8

A ideia é destruir toda a defesa antiaérea ucraniana, e esse objetivo parece perto de sua conclusão, tanto que a Ucrânia pediu uma ilusória zona de exclusão aérea à Otan.

Os drones turcos que dominaram a guerra de 2020, como Kostia previu, fizeram estrago. Kiev tinha recebido seis deles, e ao menos uma coluna de blindados russa foi destruída. Os russos dizem que já abateram quase todos.

"A operação inicial foi baseada em suposições terríveis sobre a capacidade e a vontade da Ucrânia de lutar e em um conceito operacional impossível. Moscou errou feio no cálculo. Mas suas forças ainda não entraram na guerra", escreveu no Twitter o americano Michael Kofman, diretor para Rússia do centro CNA.

"Houve dificuldades. Mas a degradação das forças ucranianas é diária. É matemática", disse Konstantin Frolov, analista político em Moscou.

Na segunda (28) e nesta terça (1º), o cenário mudou. O Kremlin não colocaria quilômetros de veículos expostos a ataques aéreos, o que mostra confiança em sua tática de supressão. E a intensificação dos bombardeios em Kharkiv, para onde foi enviada ao menos uma bateria do sistema de mísseis termobáricos TOS-1, quase uma arma de destruição em massa, prenuncia uma escalada. Não são casuais, assim, as informações vazadas pelo Pentágono à mídia americana sobre a renovada ação.

E parece que linhas de suprimento foram regularizadas.

Este é um problema inerente a qualquer operação terrestre: os nazistas perderam a conquista de Moscou porque acabaram a gasolina, a munição e a comida às portas da capital soviética, em 1941.

Em 1991, a famosa "guerra das 100 horas" dos EUA contra Saddam só não perdeu o título porque soldados foram feitos de motoristas de caminhões-tanque para levar combustível à exaurida 1ª Divisão Blindada rumo a Bagdá.

O que se coloca agora é um cálculo cruzado com o relógio correndo contra o Kremlin, pressionado sob todos os lados por sanções. Com o canal diplomático aberto e novas conversas possivelmente nesta quarta, podem esperar também uma rendição.

As promessas de ajuda militar dos vizinhos da Otan não parecem se materializar na velocidade para mudar a guerra.

Mas Zelenski segue em seu posto de defensor, dado o apoio do Ocidente. Nisso concordam Kofman e Frolov: Kiev tem enorme vantagem na guerra midiática, enquanto o Kremlin tenta esconder a guerra em casa com censura.

Putin se importa com isso? Enquanto sua posição interna não estiver ameaçada, parece que não. Mas uma intervenção prolongada traz riscos crescentes que sua retórica de guerra nuclear indica.

O baixo número relativo de vítimas civis também não ficará assim se ele usar mão pesada enquanto retém a iniciativa para subjugar a Ucrânia ou manter o país dividido e fora da órbita do Ocidente.

Fantasma da Terceira Guerra Mundial sai da aposentadoria

Conflito e ameaças de Putin fazem ressurgir temor de embate com a Otan

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO O fantasma da Terceira Guerra Mundial, aquele conflito que fez Albert Einstein imaginar que a Quarta seria travada com paus e pedras, volta a assombrar o Ocidente 30 anos após aquele que parecia seu exorcismo.

Tudo cortesia do embate subjacente à guerra da Ucrânia: a disputa entre Moscou e o conglomerado Estados Unidos/Otan, centrada nas fronteiras de segurança do Leste Europeu. O Kremlin não aceita a expansão a leste de estruturas ocidentais.

Nesta terça (1º), o ministro da Defesa russo, Serguei Choigu, colocou em termos claros acerca do que é o "casus belli" do ataque à Ucrânia. "A principal coisa para nós é proteger a Rússia da ameaça militar dos países ocidentais, que estão usando o povo ucraniano na luta contra o nosso país", afirmou à agência RIA-Novosti.

Os coitados que de fato sofrem com a insegurança do Donbass, as supostas "armas nucleares que Kiev quer" e outros temas ficaram de lado.

Putin é um manipulador eficaz. No dia da declaração da guerra, na última quinta (24), ele sugeriu que usaria armas nucleares se o Ocidente se metesse em sua ação.

No domingo (27), diante de uma saraivada de sanções, decretou alerta máximo das forças estratégicas russas que havia exibido num exercício uma semana antes.

A lógica diz que ele está apenas tergiversando e que fala grosso em casa, além de riscar no chão um limite se for em frente no recrudescimento dos ataques ao vizinho.

Com efeito, não faltam analistas especulando se ele usaria na Ucrânia uma bomba atômica tática, de baixa potência (ou seja, igual à de Hiroshima). Lógica não tem sido boa conselheira nessa crise, mas isso parece demais.

Seja como for, o tema da Terceira Guerra Mundial passou a frequentar todas as entrevistas coletivas de autoridades do outro lado com uma desassombrada naturalidade.

Qualquer um que tenha crescido entre os anos 1950 e 1980 sabe o que é viver com a ideia da aniquilação nuclear, mesmo que o risco fosse exagerado muitas vezes em favor do embate ideológico. Mesmo a crise dos mísseis de Cuba (1962) poderia resultar na obliteração dos soviéticos, mas não dos americanos, mais fortes à época.

Desde o fim da União Soviética, em 1991, o fantasma contudo tirou férias. As bombas, não, ainda que o arsenal tenha caído de 70 mil ogivas para cerca de 13 mil.

Cerca de 90% nas mãos de Moscou e de Washington. Diferentemente de líderes do Ocidente, Putin fala sobre o espectro sem nenhum pudor.

E o faz para garantir que a ajuda militar da Otan não se torne mais do que imagens de comboios com munição, para desespero da Ucrânia.

O país tem recebido os devidos nãos da Otan, justamente pelo temor de uma confrontação imprevisível com a Rússia. Na segunda-feira (28), requisitou a implantação de uma zona de exclusão aérea sobre o país, um ato de guerra para os russos.

Além da admissão clara de perda de controle sobre os céus de seu país, o governo de Volodimir Zelenski ainda jogou ele mesmo com a carta da escalada inevitável. "Hoje é a Ucrânia, amanhã será a Otan", declarou o chanceler Dmitro Kuleba.

Mesmo a promessa europeia de enviar caças para Kiev parece algo delirante, exceto que pilotos poloneses decolem para fazer entrega in loco de modelos MiG-29 que ucranianos operam — e arrisquem a Terceira Guerra.

Numa cena correlata na Estônia, o secretário-geral da Otan e o premiê britânico estiveram na base multinacional comandada por forças de Londres na pequena ex-república soviética, membro do clube desde 2004.

Um tanque Challenger 2 britânico e blindados de combate CV90 estonianos enfeitavam a cena, mas as autoridades ficaram nos floreios acerca da resistência ucraniana e em como a Otan irá se defender sempre e unida.

Coube à anfitriã, Kaja Kallas, tratar de realismo. "Ainda que a Ucrânia perca temporariamente o controle sobre suas cidades, isso será algo difícil de ser mantido [para Putin]", afirmou.

Sempre um ente à parte na estrutura da Otan, a autossuficiente França viu seu ministro das Finanças falando que irá "destruir a economia russa" e lutar "uma guerra econômica total" contra Moscou.

Foi admoestado pelo exqueridinho Dmitri Medvedev, que encantava americanos com seu jeitão de liberal quando fingiu ser presidente sob o premiê Putin de 2008 a 2012, e que hoje está encostado como número 2 do Conselho de Segurança do país. "Meçam as palavras, senhores! E não esqueçam que, na história humana, guerras econômicas costumam virar reais", escreveu em rede social.

Se o fantasma dava sinais de vida nas preliminares da guerra, fazendo as potências nucleares assinarem uma promessa de nunca atacarem com armas atômicas, ele está no "novo normal" de que Jens Soltenberg (Otan) fala.

Russos enfrentam o cancelamento do seu país em aeroportos e no cotidiano

MOSCOU "Quantas horas a mais?", questionou, algo incrédula, Maria, ao lado de seu marido Valeri. "Cerca de três, senhora", respondeu a atendente da Turkish Airlines na segunda (28), no aeroporto moscovita de Vnukovo. O voo das 7h15 a Istambul demora, em geral, aproximadamente 1h40min para chegar.

"Eu não acredito. Claro, não é nada perto do que está acontecendo na Ucrânia, mas ainda assim", disse Maria.

Num balcão próximo, o voo das 8h da aérea Pobeda também anunciava um ganho de meia hora na rota para Kaliningrado, o "hotspot" da Rússia entre Lituânia e Polônia. Olhando no mapa, um desvio do espaço aéreo europeu vetado empresas de Moscou como retaliação pela guerra.

Enquanto no caso da Turkish, que não boicota a Rússia como outras europeias, o motivo é mais cru: não acabar abatido como ocorreu em 2014 sobre o Donbass.

Um Boeing-777 da Malaysia foi então abatido. O avião a Istambul vai quase até Varsóvia e daí desce ao sudeste.

O casal, na casa dos 30 anos, parece afluente: roupas e bagagens de marca, ao menos Maria com um bom inglês. Em 2021, foram 4,7 milhões iguais a ele, passeando na Turquia. A típica classe média que cresceu e apareceu sob Valdimir Putin, e que agora encara com temor o cancelamento de seu país no Ocidente que passou a frequentar nas duas últimas décadas.

Os jovens não quiseram comentar as razões da guerra, por concordar com Putin ou discordar e temer algum tipo de represália. A repressão é visível, afinal, em casa.

Nesta terça-feira (1º), o governo fez valer sua ameaça de censura a quem chamar a guerra de guerra, e não de "operação militar especial": tirou do ar a tradicional rádio independente Eco de Moscou, ícone dos liberais.

Enquanto essas medidas são palpáveis, assim como a suspensão de venda virtual da Apple na Rússia e o fim da emissão de novos cartões Visa e MasterCard, o clima de caça às bruxas cresce contra o russo comum. Uma repórter de grande agência de notícias baseada em Bruxelas se queixa de que está sendo olhada de lado na redação —justo ela, crítica do governo.

O resto é o rosário de medidas discutíveis: cancelamentos de artistas russos, suspensão do país da Copa do Quatar, fim da vodca russa em estados americanos.

Nada disso é mensurável ainda em termos de popularidade de Putin, algo que talvez tenha mais a ver com as filas em caixas eletrônicos vazios. A classe média sempre foi um foco de resistência. Mas o real jogo é com a elite, que ele mantém em torno de si como uma corte imperial. Ela está na mira das sanções mais pesadas. **IG**

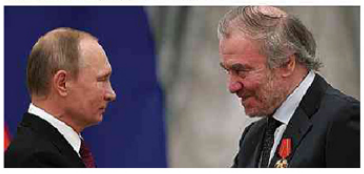
Países devem retomar negociação hoje, diz mídia

Representantes da Rússia e da Ucrânia devem se reunir nesta quarta (2) para uma segunda rodada de negociações em meio à guerra. A informação foi dada pela mídia ucraniana e anunciada também pela agência russa Tass, que creditou a informação a jornais do país vizinho. O encontro, porém, ainda não foi confirmado pelas diplomacias dos dois países. De acordo com membros da delegação ucraniana ouvidos pelo portal de notícias Glavkom, a Rússia teria exigido que o país vizinho se comprometesse a não se alinhar às potências ocidentais, inclusive convocando um referendo para decidir a questão. Na segunda (28), representantes russos e ucranianos se encontraram em Gomel, na Belarus. As conversas foram suspensas sem avanços claros.

TODA MÍDIA

Nelson de Sá
nelson.sa@grupofolha.com.br

Cancel Culture Against Russians Is the New McCarthyism



'NOVO MACARTISMO'
Com o veto a artistas russos como o regente Valeri Gergiev (dir.) e o Bolshoi, por instituições de Nova York a Londres e Milão, a Bloomberg destacou artigo denunciando 'o novo macartismo'; e o alemão Süddeutsche, de Munique, cobrou o prefeito pela 'expulsão' de Gergiev, 'um ato triste'

No bunker com Zelenski, CNN quer saber do ator que virou ícone

Enquanto a imagem da terça era a explosão da torre de Kiev, o presidente ucraniano surgia na CNN, sem texto pronto e em inglês entrecortado, num bunker da própria capital, "cansado e estressado", na descrição do canal de notícias. "Existe alguma esperança, com o mundo assistindo, para a diplomacia?", perguntou o repórter Matthew Chance.

"Eu queria, eu realmente queria, e eu perguntei para eles: Antes de tudo, todo mundo tem que parar de lutar e ir para aquele ponto de onde começou, seis dias atrás", respondeu Volodimir Zelenski.

Após algumas frases confusas, acrescentou que, "se o outro lado não está pronto, você está só perdendo tempo".

Voltou a cobrar então, de Joe Biden, maior presença militar no país. E terminou ouvindo uma pergunta sobre sua "transformação de ator cômico em líder em tempo de guerra, mundialmente famoso".

Zelenski pareceu não gostar: "Isso é muito sério, isso não é um filme. Eu não sou um ícone. A Ucrânia é um ícone".

CHINA NO MEIO O Guancha, de Xangai, manchetou a conversa dos chanceleres chinês e ucraniano, citando a eventual "mediação" do conflito pela China. E a Caixin, de Pequim, informou ter ouvido do chinês TikTok que vai "reprimir desinformação sobre a guerra".

PLANO BRASIL O Financial Times publicou uma página comparando o Brasil do "império" PCC à "Colômbia dos anos 1990", pré-Plano Colômbia. Citando Departamento de Justiça, American University e um delegado da PF em Presidente Prudente (SP), diz que o PCC "começou a infiltrar o Estado brasileiro como os cartéis fizeram na Colômbia".

No Financial Times, atenção para o 'Império brasileiro da droga', como descreve o PCC

Copyright © Clipclap 2025.

Chefe da UE, Ursula Von Der Leyen, e eurodeputados aplaudem Volodimir Zelenski (ao fundo, na tela) após discurso Yves Herman/Reuters

UE precisa provar que está com a Ucrânia, diz Zelenski ao bloco

Presidente discursa ao Parlamento Europeu por videoconferência em meio à guerra e é aplaudido de pé

SÃO PAULO Um dia depois de assinar um documento pedindo oficialmente a entrada da Ucrânia na União Europeia (UE), o presidente do país, Volodimir Zelenski, fez nesta terça-feira (1º) um apelo aos líderes do bloco.

"Provem que estão conosco. Provem que não vão nos deixar. Provem que são realmente europeus, e então a vida vencerá a morte, e a luz vencerá as trevas", disse Zelenski ao Parlamento Europeu, por meio de videoconferência, num pronunciamento traduzido para o inglês por um intérprete em lágrimas.

"A União Europeia será muito mais forte conosco, com certeza. Sem vocês, a Ucrânia ficará solitária", acrescentou, ciente de que um eventual processo de adesão ao bloco europeu será longo e difícil.

Os parlamentares da UE, muitos com camisetas com a bandeira ucraniana ou lenços e fitas nas cores azul e amarela, aplaudiram o presidente de pé. A invasão chegou nesta terça ao sexto dia.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, afirmou em seguida que "este é um momento de verdade para a Europa" e que a maneira como o bloco responder aos atos da Rússia vai "determinar o futuro do sistema internacional". Ela anunciou envio de € 500 milhões (R$ 2,8 bilhões) para comprar e entregar armas para a Ucrânia, além de outros € 500 milhões destinados a ajuda humanitária, auxiliando, assim, por exemplo, a recepção de refugiados que chegam a países do bloco.

A fala de Zelenski ocorreu horas depois de um bombardeio russo atingir a segunda maior cidade do país, Kharkiv. O presidente ucraniano classificou de "crime de guerra" e "terrorismo de Estado" a ofensiva russa a Kharkiv, num vídeo divulgado em seu canal no aplicativo Telegram, ocasião na qual também falou que a prioridade é defender Kiev.

No domingo (27), Von der Leyen já havia dito que a Ucrânia pertence à UE e que o bloco quer o país como membro. Em uma entrevista ao canal Euronews, afirmou que há um processo para integrar o mercado ucraniano ao mercado comum do bloco.

Nesta terça, ela outra vez se colocou ao lado da Ucrânia. "Se [o presidente russo Vladimir] Putin estava tentando dividir a UE, enfraquecer a Otan [a aliança militar ocidental] e quebrar a comunidade internacional, ele conseguiu exatamente o oposto."

O líder ucraniano solicitou ao bloco que avalie a entrada da Ucrânia em caráter de urgência e submeta o pedido a um novo procedimento especial. Oito nações das regiões central e oriental da União Europeia (Bulgária, República Tcheca, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Eslováquia e Eslovênia) pediram que a Ucrânia passe a ter status de país candidato

Mas Kiev está ciente de que qualquer processo de adesão será longo e difícil, mesmo que o país consiga, depois da guerra, não cair sob o domínio de Moscou.

Charles Michel, presidente do Conselho Europeu, disse ao Parlamento após o discurso de Zelenski que o bloco teria que analisar seriamente o pedido "legítimo" da Ucrânia, mas acrescentou: "Vai ser difícil, sabemos que há opiniões diferentes na Europa [sobre a expansão do bloco]".

O caminho para a adesão exigirá que a comissão faça uma avaliação positiva quanto à potencial candidatura da Ucrânia, um processo que pode levar até 18 meses. Haveria então um período transitório de duração indefinida durante o qual a Ucrânia precisaria adotar a totalidade da legislação da União Europeia.

Mais tarde, o chanceler alemão, Olaf Scholz, falou que "o banho de sangue deve acabar na Ucrânia" e acrescentou que a situação é muito dramática e que a Ucrânia está lutando pela sua sobrevivência.

Com Reuters

> Provem que estão conosco. Provem que não vão nos deixar. Provem que são realmente europeus, e então a vida vencerá a morte, e a luz vencerá as trevas

> A União Europeia será muito mais forte conosco, com certeza. Sem vocês, a Ucrânia ficará solitária

Volodimir Zelenski
presidente ucraniano, ao Parlamento Europeu

> Se [o presidente russo Vladimir] Putin estava tentando dividir a UE, enfraquecer a Otan [a aliança militar ocidental] e quebrar a comunidade internacional, ele conseguiu exatamente o oposto

Ursula Von der Leyen
presidente da Comissão Europeia

Primeira-dama do país é roteirista e foi contra marido se candidatar

Flávia Mantovani

SÃO PAULO Diante da vontade do marido de se candidatar à Presidência da Ucrânia, levando para a vida real o papel que exercia como comediante na TV, Olena Zelenska foi contra. "Não fiquei feliz com os planos. Percebi como tudo iria mudar e as dificuldades que iríamos enfrentar", disse ela à revista Vogue, em uma entrevista em 2019, primeiro ano de mandato de Volodimir Zelenski. "Mas disse que sempre iria apoiá-lo."

Três anos depois, com o país atacado por tropas russas, Olena levou esse apoio a um nível muito mais elevado. Segundo Zelenski, ela e os filhos continuam na Ucrânia, apesar de serem "o alvo número 2 dos inimigos" — o número 1 é ele, conforme disse em um discurso televisionado na última quinta-feira (24), primeiro dia do ataque comandado por Vladimir Putin ao território do país vizinho.

"Eles querem destruir politicamente a Ucrânia destruindo o chefe de Estado", disse Zelenski. "Eu continuarei na capital. Minha família também está na Ucrânia. Meus filhos estão na Ucrânia. Minha família não é traidora, eles são cidadãos da Ucrânia", continuou, referindo-se a Aleksandra, 17, e Kiril, 9.

Roteirista e fundadora do maior estúdio audiovisual da Ucrânia, Olena, que acaba de completar 44 anos, embarcou na aura de heroísmo que o Ocidente tem conferido a Zelenski no conflito. Na sexta (25), em um post com uma foto da bandeira ucraniana em sua conta de mais de 2 milhões de seguidores no Instagram, ela se dirigiu à população, dizendo que "enxerga todo mundo na TV, nas ruas, na internet".

"Vocês são incríveis. Estou orgulhosa de viver no mesmo país que vocês... Hoje eu não terei pânico nem lágrimas. Ficarei calma e confiante. Minhas crianças estão me olhando, eu estarei perto delas e perto do meu marido e com vocês. Amo vocês! Amo a Ucrânia."

Dois dias depois, ela postou a foto de uma bebê que nasceu em um bunker antibombas em Kiev, louvando os médicos e as pessoas que ajudam a cuidar dela. "Nós somos o Exército, e o Exército somos nós. E as crianças nascidas em abrigos antibombas vão viver em um país pacífico que defendeu a si mesmo." Nesta terça (1º), Olena publicou uma homenagem às mulheres que lutam no front.

Olena se casou com Zelenski em 2003 — quando recebeu o sobrenome do marido, com a variação para o feminino, Zelenska —, como ocorre nos idiomas eslavos. Eles são da mesma cidade, Krivi Rih, na região central do país, onde o russo é a língua predominante, e foram colegas de escola, mas se aproximaram na universidade, quando ele estudava direito, e ela, arquitetura, que trocou pela carreira de escritora.

Uma das fundadoras do Studio Kvartal 95, que produz séries, filmes e programas de entretenimento, ela escreveu roteiros de programas e filmes de humor. À Vogue disse que sempre preferiu os bastidores, enquanto o marido aparecia "em primeiro plano". "Mas as novas realidades exigem suas próprias regras, e estou tentando cumpri-las", ponderou.

De fato, ela acompanhou o marido nos compromissos de campanha, posando para fotos ao lado dele. Depois da vitória na eleição, afirmou que continuava escrevendo roteiros, mas também seguiu o script de outras primeiras-damas pelo mundo, assumindo causas sociais ligadas à saúde infantil, igualdade de gênero e diplomacia cultural.

Olena trabalhou em programas voltados a melhorar a nutrição de estudantes, combater a violência doméstica e difundir a língua ucraniana no exterior, com a introdução de audioguias no idioma em museus pelo mundo, por exemplo. Ela também apoia atletas paralímpicos do país. A diplomacia cultural da primeira-dama inclui usar roupas de designers ucranianos e promovê-los quando questionada pela imprensa do Ocidente sobre qual é a marca de seus looks — algo que ela diz ocorrer com frequência.

O casal não costuma expor os filhos, apesar de a mais velha já ter atuado em alguns filmes. Já Olena Zelenska não tem muita escolha. Desde o início da guerra, seu perfil no Instagram ganhou quase 300 mil seguidores, e o interesse pela primeira-dama nas buscas do Google, de acordo com a ferramenta Trends, cresceu 900% na última semana em relação à anterior.

O paradeiro dela e dos filhos, porém, é segredo de Estado. "Onde exatamente eles estão eu não tenho o direito de dizer", afirmou o presidente, no discurso em que afirmou que não abandonariam o país.

A primeira-dama da Ucrânia, Olena Zelenska
Olena Zelenska no Instagram

Copyright © Clipclap 2025.

China fala com Ucrânia e mostra solidariedade

Diplomacia de Pequim muda tom e promete esforços para fim da guerra, mas sem melindrar a Rússia de Putin

Lucas Alonso e Renan Marra

BAURU (SP) E SÃO PAULO O ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, conversou por telefone com o chanceler da Ucrânia —a convite deste— nesta terça-feira (1º), no primeiro diálogo formal entre os dois países desde que a Rússia deu início à guerra, na última semana.

A conversa, de acordo com os relatos oficiais de ambas as diplomacias, sinaliza uma mudança de tom na abordagem chinesa ao conflito. Pequim é aliada de Moscou e, até agora, absteve-se de condenar a invasão nas reuniões do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas.

Na ligação, não houve qualquer crítica por parte de Wang à ofensiva militar da Rússia ou ao presidente Vladimir Putin. Mas o chinês expressou algum nível de solidariedade a seu homólogo em Kiev ao se dizer "extremamente preocupado com os danos aos civis" da Ucrânia.

Em comunicado, o governo ucraniano afirmou que o chanceler Dmitro Kuleba, por sua vez, pediu aos chineses que usem os laços com o governo russo para tentar acabar com a guerra. Kuleba teria recebido em resposta a promessa de que a China fará "todos os esforços" para resolver o conflito por meio da diplomacia.

Wang voltou a pedir uma solução baseada no diálogo, dizendo que apoia os esforços internacionais para uma resolução política. Isso ecoa a posição que, segundo Pequim, foi expressa pelo dirigente Xi Jinping em conversa com Putin na semana passada. O líder chinês teria dito que "apoia a Rússia e a Ucrânia para que elas resolvam os problemas por meio de negociações".

De acordo com o comunicado da diplomacia chinesa, Kuleba repassou a Wang "os resultados da primeira rodada de negociações entre a Ucrânia e a Rússia". Pode-se inferir, porém, que o ucraniano não teve muito a dizer nesse sentido. Representantes de Putin e de Volodimir Zelenski se reuniram na Belarus nesta segunda-feira (28), mas a mesa, que reuniu figuras importantes de ambos os países, terminou sem avanços.

Em um afago a Pequim, Kuleba teria dito que "a China desempenhou um papel construtivo" a favor do objetivo de acabar com a guerra, descrito pelo chanceler como a principal prioridade da Ucrânia.

De Wang, o representante de Kiev recebeu solidariedade. "A China está profundamente triste ao ver o conflito entre a Ucrânia e a Rússia e muito preocupada com os danos causados aos civis", disse o chinês, acrescentando que a posição de Pequim em relação à crise é "aberta, transparente e consistente".

"Sempre defendemos o respeito pela soberania e pela integridade territorial de todos os países", continuou Wang, emendando o ponto em que mais perto chegou de fazer alguma crítica à Rússia —embora não a tenha citado nominalmente. "A China sempre acreditou que a segurança de um país não deve ser alcançada às custas da segurança de outros países e que a segurança regional não pode ser alcançada pela expansão de blocos militares."

Para o ex-diplomata Fausto Godoy, coordenador do Centro de Estudos das Civilizações da Ásia da ESPM, os sinais da mudança de postura chinesa têm como pano de fundo a relação do regime de Xi Jinping com territórios que são pontos sensíveis na história do país, como Taiwan, Hong Kong, Tibete, Xinjiang e o mar do Sul da China.

No caso de Taiwan, por exemplo, a China considera a ilha uma província rebelde, porém parte inalienável do seu território. "A invasão da Rússia na Ucrânia significa a intromissão de um país nos assuntos internos de outro por meio da guerra. E tudo o que a China não quer é que isso aconteça com ela", diz Godoy.

Para ele, no momento em que o conflito se agravou, Pequim se sentiu ameaçada. Se demonstrasse apoio incondicional à Rússia, legitimando a invasão, daria margem ao entendimento de que seus territórios contestados poderiam ser invadidos no futuro.

Nas instâncias em que de fato poderia adotar ações mais incisivas para, se não pôr um fim ao conflito ao menos pressionar para que ele acabe, a China preferiu se abster. Quando o Conselho de Segurança da ONU tentou aprovar resolução para condenar a guerra iniciada por Putin, Pequim se juntou aos Emirados Árabes Unidos e à Índia e escolheu não se pronunciar.

> **A China está [...] muito preocupada com os danos causados aos civis. Sempre defendemos o respeito pela soberania e pela integridade territorial de todos os países**
>
> **Wang Yi**
> chanceler chinês, em ligação com colega ucraniano

Se Déli assim o fez, é porque depende militarmente de sua relação com a Rússia. Pequim, por sua vez, vê em Moscou um gigantesco parceiro comercial e seu principal aliado contra os avanços geopolíticos do Ocidente —em especial, dos Estados Unidos.

Assim, ao mesmo tempo que acena à Ucrânia, os chineses tentam não melindrar os russos. Em janeiro, Xi celebrou 30 anos de laços com Kiev, saudando o "aprofundamento da confiança política mútua". O país do Leste Europeu faz parte da Nova Rota da Seda, megaprojeto que liga Oriente Médio, Ásia, África e Europa, atravessando áreas que eram de influência da ex-União Soviética.

Por outro lado, quando as forças russas, sob ordens de Putin, invadiram a Ucrânia, a resposta formal da diplomacia chinesa foi de que a ofensiva não representava uma violação à soberania ou à integralidade do território ucraniano.

Em vez disso, o porta-voz da chancelaria descreveu o cenário —que o Ocidente já chamava de guerra— como resultado de uma "combinação de fatores". Antes, a China já acusava os EUA de serem os responsáveis pela crise na Ucrânia. Para Pequim, Washington estava "aumentando as tensões, criando pânico e até aumentando a possibilidade de guerra".

À medida que o Ocidente reagiu a ação de Putin, a China rechaçou as sanções impostas a Moscou. Aliás, as relações comerciais entre os dois países são uma das apostas da Rússia para reduzir o impacto das medidas de retaliação impostas pelo Ocidente.

Enquanto isso, a China começou a retirar seus cidadãos da Ucrânia. Segundo o Global Times, jornal ligado ao Partido Comunista Chinês, a primeira leva de chineses deslocados pelo conflito inclui 200 estudantes que vivem em Kiev e 400 em Odessa, no sul do país. Eles saíram em um ônibus escoltado em direção a Moldova.

Ainda de acordo com o jornal, outros mil chineses deveriam ser retirados ainda nesta terça (1º) pelas fronteiras com a Eslováquia e a Polônia. Ao todo, 6.000 chineses se registraram na embaixada para deixar o país.

Plenário da ONU em Genebra fica praticamente vazio durante discurso gravado do chanceler da Rússia, Serguei Lavrov, em Conferência sobre Desarmamento Fabrice Coffrini/AFP

Diplomatas boicotam chanceler russo na ONU

SÃO PAULO Dezenas de diplomatas do mundo todo boicotaram dois discursos do ministro das Relações Exteriores da Rússia, Serguei Lavrov, proferidos durante painéis da ONU em Genebra nesta terça (1º).

Vídeos mostram que o representante do Brasil não se juntou ao grupo. Também não o fizeram diplomatas de países como Venezuela, Iêmen, Argélia, Síria, Tunísia e China.

A **Folha** questionou o Ministério das Relações Exteriores do Brasil sobre a postura do país diante do boicote, mas não obteve resposta até a publicação deste texto. A posição do Brasil tem sido ambígua em relação à guerra na Ucrânia. Ao mesmo tempo em que o país condena a invasão russa em fóruns internacionais, o presidente Jair Bolsonaro tem repetido que a posição do país é de neutralidade.

Dois discursos de Lavrov, gravados em vídeo, foram transmitidos em Genebra. O primeiro, na Conferência sobre Desarmamento, e o segundo, no Conselho de Direitos Humanos, ambos instâncias da ONU. Nas duas ocasiões, o chanceler usou o espaço para justificar a guerra empenhada pela Rússia na Ucrânia.

O primeiro boicote ocorreu enquanto o russo acusava a Ucrânia de comprar armas nucleares. "O perigo que o regime do [presidente Volodimir] Zelenski representa para os países vizinhos e para a segurança internacional em geral aumentou substancialmente depois que as autoridades instaladas em Kiev entraram em um jogo perigoso com planos de adquirir suas próprias armas nucleares", disse o chanceler, no que tem sido visto por países do Ocidente como propaganda de guerra.

A plenária da Conferência de Desarmamento ficou quase vazia após mais de cem diplomatas de 40 países ocidentais e aliados se retiraram da sala. Menos de uma hora depois, no Conselho de Direitos Humanos, a cena se repetiu, e os diplomatas que realizaram o protesto se reuniram com uma bandeira da Ucrânia.

Uma semana antes de a Rússia invadir a Ucrânia, Bolsonaro visitou o presidente russo, Vladimir Putin, sob a justificativa da necessidade de ampliar laços comerciais com Moscou, em ato condenado por países como os EUA. Em entrevista na segunda (28), o presidente brasileiro se posicionou contra as sanções econômicas aplicadas à Rússia, sob a justificativa de que podem afetar o agronegócio brasileiro.

"Temos que ser cautelosos", disse ele. "Não é como alguns querem, que eu dê um soco na mesa e [diga que] 'o Brasil está desse lado ou daquele lado' e não se comenta mais nada".

Bolsonaro afirmou na entrevista que não dará "palpite nessa questão" e que o Brasil tem que entender que "é um grande país, mas tem algumas limitações e deve continuar nessa política de se aproximar de todo mundo". No mesmo dia, na Assembleia-Geral extraordinária da ONU, realizada em Nova York, o Brasil condenou a invasão russa, mas ao mesmo tempo questionou o envio de mais armas por parte de potências ocidentais para a Ucrânia, pelo risco de haver escalada no conflito.

"O enfraquecimento dos Acordos de Minsk por todas as partes e o descrédito das preocupações com a segurança vocalizadas pela Rússia prepararam o terreno para a crise que estamos vendo", disse o embaixador brasileiro nas Nações Unidas, Ronaldo Costa Filho, na tribuna da ONU. "Deixe-me ser claro, no entanto: esta situação não justifica o uso da força contra o território de um Estado membro."

Costa Filho pediu que os órgãos das Nações Unidas trabalhem conjuntamente em busca de soluções, pois a crise pode ter impacto muito mais amplo se não for contida. "Estamos sob uma rápida escalada de tensões que pode colocar toda a humanidade em risco. Mas ainda temos tempo para parar isso."

No domingo (27), Bolsonaro já havia dito que o Brasil "não pode interferir" no conflito. "Não podemos interferir. Queremos a paz, mas não podemos trazer consequências para cá", afirmou o presidente em entrevista coletiva num hotel em Guarujá (SP).

No mesmo dia, Costa Filho disse ter pedido cautela antes da aplicação de punições à Rússia. Para ele, não se pode ignorar que algumas das medidas "aumentam os riscos de um confronto mais amplo e direto entre a Otan e a Rússia".

Dois dias antes, ele havia sido firme contra Moscou. "O Conselho [de Segurança da ONU] deve reagir de forma rápida ao uso da força contra a integridade territorial de um Estado-membro. Uma linha foi cruzada, e esse conselho não pode ficar em silêncio", disse, em reunião do órgão.

Cem brasileiros saíram da Ucrânia, e embaixada deixa Kiev

O Ministério das Relações Exteriores disse nesta terça-feira (1º) que mais de cem brasileiros conseguiram deixar a Ucrânia e chegar a países fronteiriços, principalmente Polônia e Romênia, após a invasão realizada pela Rússia. A pasta também informou que cerca de 80 brasileiros ainda permanecem em solo ucraniano e têm interesse em sair do país. A equipe da Embaixada do Brasil vai deixar Kiev após a piora na segurança na capital ucraniana causada pelo avanço das tropas russas. Em nota divulgada na noite desta terça, o Itamaraty não confirmou diretamente a informação, mas informou que abrirá postos de atendimento consular em Lviv, cidade ucraniana na fronteira com a Polônia, e em Chisinau, capital de Moldova.

Copyright © Clipclap 2025.

Sem contar à família, pai se despede para se juntar à resistência em Kiev

Programador, Oleksander Kharchenko se separa de mulher e filhos, que viajam para a Polônia

André Liohn

LVIV (UCRÂNIA) De cabeça baixa, rosto magro e ombros curvados, o programador Oleksander Kharchenko, 40, despede-se de sua esposa e dos filhos de 6 e 10 anos na estação de trem de Lviv, cidade no oeste da Ucrânia, perto da fronteira com a Polônia.

Ele diz que o que mais fará falta são as partidas de futebol no fim dos dias calmos que viviam na cidade de Kharkiv antes de a guerra começar. O governo ucraniano proibiu homens de 18 a 60 anos de deixar o país, mas Kharchenko afirma que ficaria na Ucrânia de qualquer forma.

"Em toda a história da Ucrânia, os russos nos forçaram a viver como eles achavam melhor. Agora o mundo é outro, a União Soviética não existe mais, eu tenho outras oportunidades, meus filhos terão mais oportunidades que eu, não precisamos mais esperar que nossas vidas sejam controladas por ditadores", afirma o programador. "O que queremos é poder ser aquilo que conseguirmos ser. Só isso."

Kharchenko espera que a mulher e os filhos, sem terem onde ficar quando chegarem à Polônia, consigam seguir para os EUA, onde um tio vive na cidade de Chicago.

Antes de partir, ele explicou à filha que o país está em guerra, mas não disse que estava deixando a família para se juntar aos militares e civis que integram a resistência em Kiev contra as tropas da Rússia.

"Claro que não contei a eles que vou combater. Não falei com minha esposa, mas minha filha percebeu e me perguntou o que estava acontecendo. Ela me perguntou se na guerra todos viravam soldados, e eu disse que ela não precisava se preocupar, mulheres e crianças não precisavam se tornar soldados."

Os trens que deixam Lviv nunca são suficientes para levar todos que querem deixar o país, e a cidade se transformou no funil onde pessoas se espremem em desespero, fugindo das áreas onde os combates entre o Exército ucraniano e as forças de ocupação russa se intensificaram.

"Ne plach, bud'laska [não chore, meu amor, não chore]", dizia uma mãe que tentava acalmar seu bebê que chorava de fome, sono e frio em meio a milhares de pessoas esmagadas dentro de um corredor extenso em comprimento, mas de apenas alguns passos de largura. Mulheres com rostos tristes e idosos doentes entupiam o corredor de acesso aos portões de embarque da estação de Lviv.

Nas últimas 24 horas, forças de ocupação russa intensificaram os ataques em diversas partes da Ucrânia. Imagens de satélite da empresa americana Maxar mostravam que um comboio militar russo de 64 quilômetros de comprimento estava se aproximando da capital, Kiev.

Além das ações em Kharkiv, no norte do país, as forças russas também estão atacando as cidades de Kherson e Mariupol, na região do mar Negro.

A Rússia não divulga suas baixas na guerra, e a Ucrânia o faz parcialmente. O último balanço de Kiev, até segunda-feira (28), registrava 350 vítimas civis, sem informar sobre militares — a ONU contava 102 civis ucranianos mortos.

Sem acesso às linhas de frente, jornalistas não podem confirmar o que tem ocorrido com pessoas como Kharchenko. Uma coisa, no entanto, é certa: muitas das famílias — pais, filhas e filhos — ucranianas estão se despedindo pela última vez na estação de Lviv.

Acima, famílias ucranianas, que buscam deixar o país em guerra, aguardam na estação de trem de Lviv; à direita, Oleksander Kharchenko, 40, programador de Kharkiv que se despediu da esposa e dos dois filhos para ir à guerra em Kiev, capital sob ataque das tropas russas

Fotos André Liohn

UCRANOTAS

'Retórica do Kremlin é repugnante', dizem analistas da 2ª Guerra

Especialistas em Segunda Guerra de dezenas de países manifestaram repúdio às ações militares russas na Ucrânia e às justificativas do presidente Vladimir Putin de que seu intuito é "desnazificar" o país. A declaração é assinada por mais de 200 acadêmicos. "Rejeitamos fortemente o abuso cínico que o governo russo faz da palavra genocídio, da memória da Segunda Guerra e do Holocausto e a equivalência entre o Estado ucraniano e o regime nazista para justificar a agressão não provocada. A retórica é factualmente errada, moralmente repugnante e profundamente ofensiva à memória de milhões de vítimas do nazismo e daqueles que o combateram, incluindo soldados russos e ucranianos do Exército Vermelho", diz a nota.

Alemanha, França e Polônia apoiam aliança entre Ucrânia e UE

Os ministros das Relações Exteriores de Alemanha, França e Polônia afirmaram nesta terça-feira (1º) que apoiam o estreitamento das relações políticas e econômicas da Ucrânia com a União Europeia. A declaração foi dada em Lodz, na Polônia, durante encontro da organização Triângulo de Weimer, que promove a cooperação entre os três países. "Reafirmamos nosso compromisso de estreitar a associação política e a integração econômica da Ucrânia com a União Europeia e seu mercado interno", disseram os representantes.

EUA pedem saída de russo da ONU acusado de espionagem

Nesta terça (1º), os EUA solicitaram a saída das Nações Unidas de um funcionário russo acusado de espionagem. O pedido se soma à tentativa, também dos americanos, de expulsar 12 integrantes da missão russa na ONU.

Putin e Maduro falam em aumentar parceria em meio a invasão

O presidente russo, Vladimir Putin, e o ditador venezuelano, Nicolás Maduro, conversaram sobre expandir uma parceria estratégica em um telefonema nesta terça-feira (1º), informou a agência russa Interfax. Eles também discutiram a situação na Ucrânia. Maduro expressou apoio à Rússia e condenou o que chamou de atividade desestabilizadora dos EUA e da Otan.

Biden anuncia veto a voos russos em discurso do Estado da União

Rafael Balago

WASHINGTON O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, deixou assuntos internos como a economia em segundo plano e focou a guerra na Ucrânia em seu primeiro discurso do Estado da União, na noite desta terça (1º), em Washington. O principal anúncio foi mais uma punição à Rússia: um veto a que aviões do país de Vladimir Putin sobrevoem o espaço aéreo americano.

A medida, que se soma a outras sanções já anunciadas pelo democrata desde o início da ação militar de Moscou no Leste Europeu, é similar a outras definidas pela UE e pelo Canadá nos últimos dias.

Biden destacou a resposta unificada dos países do Ocidente contra a Rússia como um exemplo de que a aliança entre EUA e Europa segue forte. E disse que, caso essa reação não tivesse ocorrido, haveria risco de as tropas de Putin atacarem outros países.

"Ao longo da nossa história, aprendemos essa lição: quando ditadores não pagam um preço por sua agressão, causam mais caos. Eles seguem avançando. E os custos e ameaças para a América e o mundo continuam subindo. É por isso que a Otan foi criada, para assegurar paz e estabilidade na Europa depois da Segunda Guerra. Isso importa. A diplomacia americana importa".

Ao anunciar que o espaço aéreo dos EUA será fechado para aviões russos, Biden fez novos ataques ao presidente russo. "A guerra de Putin foi premeditada e não provocada. Ele rejeita esforços de diplomacia. Pensou que o Ocidente e a Otan não responderiam. E pensou que poderia nos dividir aqui em casa. Putin estava errado. Estamos prontos."

Biden reafirmou que forças americanas não se envolverão diretamente em conflito em território ucraniano, mas irão para a Europa para defender membros da Otan caso Putin avance. "Para esse fim, mobilizamos forças americanas em terra, esquadrões aéreos e navios para proteger países da Otan — incluindo Polônia, Romênia, Letônia, Lituânia e Estônia. Os EUA e nossos aliados defenderão cada polegada do território dos países da Otan com força total".

"Os ucranianos estão lutando com coragem pura", afirmou Biden. "Mas os próximos dias, semanas e meses serão duros com eles". De pé, congressistas democratas e republicanos ovacionaram o povo ucraniano durante o discurso.

O presidente chegou para o evento, no plenário da Câmara, acompanhado por vários parlamentares, incluindo a deputada Victoria Spartz, republicana eleita por Indiana e de origem ucraniana.

As medidas contra a Rússia, de modo geral, têm apoio bipartidário no Congresso dos EUA. As propostas econômicas, que formaram outra parte importante do discurso, por sua vez, geram divisões até entre democratas.

"Eu tenho um plano melhor para combater a inflação. Baixar seus custos, não seus salários. Fazer mais carros e semicondutores na América, mais infraestrutura e inovação na América", afirmou Biden.

O presidente defendeu o pacote Build Back Better (reconstruir melhor), que estimava gastos de US$ 1,8 trilhão mas acabou travado por resistência de dois senadores democratas centristas.

Os EUA enfrentam a maior alta na inflação desde os anos 1980, bem como um debate sobre como lidar com o problema. Apesar desse pico, outros indicadores estão bem, como o de desemprego (na faixa de 4%) e o de crescimento do PIB (5,7% no ano passado). Mas o público americano tem sentido mais os problemas, e a popularidade de Biden segue em baixa, em torno dos 40% — o que ameaça a maioria seu partido no Congresso nas eleições legislativas de novembro.

Sobre a pandemia, Biden celebrou avanços com certa cautela. Em um sinal de que a Covid tem impactado menos a rotina, o Congresso pôde contar com plateia completa, e o uso de máscaras foi opcional.

Copyright © Clipclap 2025.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Pagina:** 8 a 12

Copyright © Clipclap 2025.